Revista eletrônica HISTÓRIA EM REFLEXÃO

PPGH - Programa de Pós-Graduação em História
UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

ISSN: 1981-2434
Dourados - MS - Brasil

A INSERÇÃO DE SÍRIOS E LIBANESES EM ATIVIDADES RURAIS NO ESPÍRITO SANTO NO INÍCIO DO SÉCULO XX

THE INSERTION OF SYRIAN AND LEBANESE IN RURAL ACTIVITIES IN ESPÍRITO SANTO AT THE BEGINNING OF THE 20TH CENTURY

ADILSON SILVA SANTOS[1]

MARIA CRISTINA DADALTO[2]

RESUMO

A imigração síria e libanesa para o Brasil destacou-se por seu caráter urbano, o que também se aplica aos que se assentaram no Espírito Santo. No entanto, alguns desses sujeitos migrantes adquiriram propriedades rurais e se dedicaram à agricultura. O objetivo deste artigo é analisar a inserção dos sírios e libaneses em atividades rurais no sul capixaba. Utilizou-se a abordagem metodológica da História Oral, por meio da qual foram entrevistados cinco descendentes desses imigrantes fixados em terras sul espírito-santenses. Além disso, fez-se uso de levantamentos cartoriais e estatísticos. Como fontes históricas, recorreu-se à Relação dos Proprietários dos Estabelecimentos Rurais do Estado do Espírito Santo, de 1920, além de três inventários *post mortem.* O que se verificou é que, enquanto alguns sírios e libaneses investiram parte do capital amealhado com o comércio na aquisição de latifúndios, outros dedicaram-se exclusivamente à atividade agrícola.

Palavras-chave: Sírios e libaneses. Sul do Espírito Santo. Atividades rurais.

ABSTRACT

Syrian and Lebanese immigration to Brazil was characterised by its urban nature, as was the case for those who settled in Espírito Santo. However, some of these migrants acquired rural property and worked in agriculture. The aim of this article is to analyse the involvement of Syrians and Lebanese in rural activities in the south of Espírito Santo. We used the methodological approach of oral history, through which we interviewed five descendants of these immigrants who settled in Espírito Santo. Cadastral and statistical surveys were also used. Historical sources included the 1920 List of Owners of Rural Establishments in the State of Espírito Santo and three post-mortem inventories. It is clear that while some

[1] Professor do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). adilsonsilvasantos8@gmail.com
[2] Professora Associada do departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e vinculada aos Programas de Pós-graduação em História e Ciências Sociais.mcdadalto@gmail.com

Syrians and Lebanese invested part of the capital earned from trading in the acquisition of large properties, others devoted themselves exclusively to farming.

Keywords: Syrians and Lebanese. South of Espírito Santo. Rural activities.

INTRODUÇÃO

Imigrantes sírios e libaneses começaram a chegar ao Espírito Santo aproximadamente nas duas últimas décadas do século XIX. No sul capixaba, em Alegre, havia alguns desses imigrantes já em 1880 (CAMPOS, 1987). Nesse sentido, Santos (2019) registrou a presença deles em Itapemirim, no ano de 1892, e em Cachoeiro de Itapemirim, no ano de 1895. A partir deste período, esses imigrantes se estabeleceram em praticamente todos os municípios capixabas.

Esse contexto de ocupação foi facilitado pela rede de capilaridade que sírios e libaneses construíram, tanto composta por familiares quanto por conterrâneos que, fixados em períodos anteriores, orientavam os novos assentamentos e a formação de outras redes. Tal fato ocorria especialmente por meio das atividades comerciais e dos casamentos (SANTOS, 2019).

O modelo de instalação dos imigrantes sírios e libaneses no Espírito Santo se diferenciou das demais realizadas no país, tendo em vista a situação socioeconômica do Estado. No período, o Espírito Santo caracterizava-se por ser um Estado eminentemente rural, cuja economia estava baseada na produção de café, com um número muito reduzido de núcleos urbanos, destacando-se aqueles localizados na região sul capixaba.

Tais dessemelhanças entre o estabelecimento dos imigrantes sírios e libaneses no Espírito Santo para os demais estados brasileiros ficam claras quando analisamos estudos sobre sírios e libaneses em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio Grande do Sul, entre outros (TRUZZI, 2019; FRANCISCO, 2017; JACOB, 2014; MUZZOLON, 2013; OLIVEIRA, 2010; PINTO, 2010; YKEGAYA, 2006).

O Recenseamento das Propriedades Rurais do Brasil, de 1920, demostrou que alguns sujeitos deste grupo, fixados no Estado, adquiriram propriedades no campo e se dedicaram às atividades agrícolas. Esta situação,

mesmo que ocorrendo em menor escala, evidencia uma diversidade da imigração síria e libanesa no país, em geral caracterizada por ser estritamente urbana e pela ausência de subsídio governamental. Como se assentaram em pequenos, médios e/ou grandes centros urbanos, foi nas atividades comerciais que se inseriram e se destacaram, principalmente. Encontrá-los na atividade agrícola é uma questão que precisa ser investigada.

Alguns documentos, como inventários *post mortem*, apontam para a possibilidade de que a entrada de sírios e libaneses em atividades rurais foi uma ocupação complementar ao comércio que, por sua vez, era considerado o negócio principal. Por outro lado, podemos considerar uma estratégia visando investir o capital amealhado por meio do trabalho em seus estabelecimentos comerciais (SANTOS, 2019). Esta perspectiva de inserção dos sírios e libaneses em atividades rurais no sul capixaba, ainda não analisada em pesquisas no Espírito Santo, configura-se o objetivo deste artigo.

Para a compreensão dessa trajetória, utilizamos a abordagem metodológica da História Oral, por meio de entrevistas da história de vida de cinco[3] descendentes de sírios e libaneses fixados em terras sul espírito-santenses, acrescida de dados oriundos de levantamentos cartoriais e estatísticos. Como fontes históricas, recorremos ao Censo Demográfico de 1920, à Relação dos Proprietários dos Estabelecimentos Rurais do Estado do Espírito Santo, disponível no Recenseamento das Propriedades Rurais em 1920, além de dois inventários *post mortem* de distritos de São Pedro do Itabapoana, e um da Vila de Itapemirim.

Um desses inventários foi o de Mariana Alves Brumana, falecida em 1919, aos 37 anos de idade. Seu esposo, José Brumana, um imigrante de origem síria e libanesa, que se fixou na Vila de Itapemirim no final do século XIX, tornou-se um dos maiores comerciantes daquela localidade no litoral do Espírito Santo. Parte do dinheiro que ganhou, José Brumana usou para comprar, entre outros imóveis, duas propriedades rurais que, juntas, perfaziam mais de 50 alqueires.

[3] Entrevistados: Ariette Moulin Costa, Carlos Alberto Alexandre Marão, Jorge Depes, José Rubens Brumana e Roberto Jorge Mezher. As entrevistas foram realizadas entre os anos de 2016 e 2018, para a elaboração da tese de doutoramento intitulada “Sírios e Libaneses no sul do Espírito Santo (1890-1930)” junto ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo, defendida em 2019.

Nelas, criava animais e cultivava pastagens. José Brumana consta no recenseamento de 1920 como um dos proprietários rurais capixabas.

Argumentamos que alguns sírios e libaneses já estavam familiarizados com o trabalho no campo em suas terras natais, possibilitando a dedicação às atividades rurais no território capixaba, embora as características fundiárias e laborais do Espírito Santo fossem completamente diferentes daquelas nas quais estavam envolvidos em suas terras de origem. Além do mais, a propriedade rural se tratava de uma estratégia de investimento do capital acumulado com a atividade comercial.

Para fins de esclarecimento, o uso da categoria sírios e libaneses neste trabalho se justifica pela complexidade e imprecisão que os termos sírio e libanês, individualizados, possuem nesse contexto. De modo geral, tanto nas narrativas orais, como nas fontes escritas, árabe, turco, sírio e libanês aparecem como se fossem categorias nativas semelhantes, embora não sejam. Campos (1987) e Santos (2019) observaram uma preponderância de libaneses, mas alguns sírios também emigraram e se fixaram na região sul do Espírito Santo.

O artigo está dividido, basicamente em duas partes, além da introdução e das considerações finais. A primeira delas trata da imigração síria e libanesa para o Espírito Santo dentro do contexto dessa imigração para o Brasil, salientando as questões socioeconômicas e históricas que marcaram o assentamento desses indivíduos na região sul o Estado. A segunda parte analisa a presença deles e a de seus descendentes em atividades rurais, evidenciando a trajetória de alguns indivíduos residentes nas cidades de Cachoeiro de Itapemirim, Itapemirim e São Pedro de Itabapoana..

1. SÍRIOS E LIBANESES NO SUL CAPIXABA

Há poucos trabalhos acadêmicos sobre a imigração síria e libanesa no Espírito Santo, ao contrário do que se observa sobre imigrantes europeus, como italianos e alemães, a respeito dos quais há uma vasta produção. Essa situação invisibiliza a multiplicidade de grupos étnicos estrangeiros e nacionais que compuseram o tecido social espírito-santense (DADALTO, 2007; SALETO, 2014), promovendo uma narrativa imaginária de que a maioria dos capixabas é

descendentes de italianos (DADALTO; DOTA, 2023).

Essa imigração se caracterizou pela ausência de subvenção dos governos federal e estaduais, por ser fundamentalmente urbana, com alta dispersão demográfica e por seu marco inicial de estabelecimento no ano de 1870 (TRUZZI, 1997). Sobre a dispersão em todo território brasileiro, Muzzolon (2013, p. 9) assinala que se deu "[...] em função da busca por mercados onde se possa trabalhar com vendas, explorando nichos onde se identificavam oportunidade de negócios".

Além da disponibilidade de poucos trabalhos sobre a imigração síria e libanesa no Espírito Santo, não identificamos, no país, pesquisas que tratem da inserção desses imigrantes na produção agrícola. Truzzi (1997) assinala que, embora essa imigração tenha caráter urbano no Brasil, em suas terras natais, sírios e libaneses eram pequenos agricultores. Toda produção era destinada ao mercado local, ao mesmo tempo em que se envolviam na venda de seus produtos, situação que os aproximava da condição de comerciantes (TRUZZI, 1997).

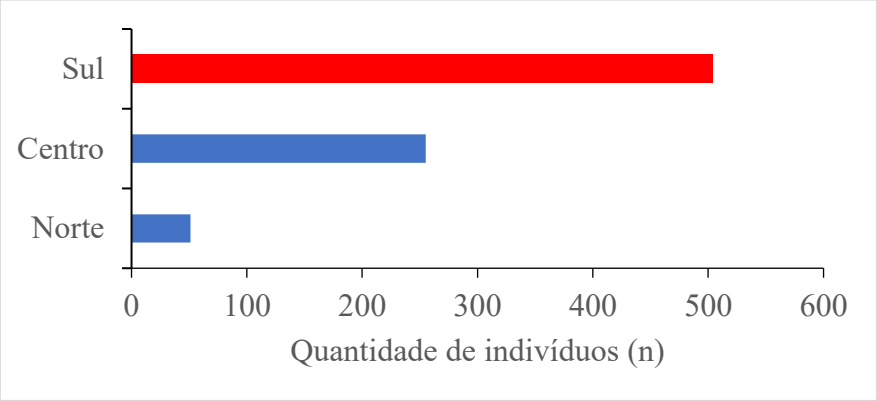
Contudo, ao se assentarem em terras brasileiras, sírios e libaneses não optaram pelo trabalho nas lavouras, mas pela mascateação. Para eles, as dificuldades do trabalho como colono, a impossibilidade da aquisição de terra num curto espaço de tempo, a necessidade premente de fazer dinheiro para se manter e, principalmente, para ajudar a família orientaram para a escolha da mascateação (TRUZZI, 2000).

Ao chegarem ao Brasil, esses imigrantes contavam com a ajuda de um patrício – categoria nativa –, isto é, de um parente, amigo ou conterrâneo, já estabelecido no país. Os patrícios ajudavam oferecendo o que fosse necessário para que os recém-chegados fossem, aos poucos, se adaptando. Essa ajuda podia ser a consignação de mercadorias ou até mesmo o ensino das primeiras palavras da língua portuguesa, para que pudessem iniciar a mascateação. De acordo com Gattaz (2012), alguns anos depois, enquanto uns decidiam pela volta à terra natal, outros se estabeleciam com armazéns de secos e molhados, lojas de tecidos, restaurantes, bares etc.

A abertura de lojas pelos imigrantes estabelecidos no país contribuiu para a prosperidade e a revolução das atividades comerciais (TRUZZI, 1991). Tal

situação se reproduzia no sul do território capixaba, onde predominava a grande propriedade monocultora voltada para o mercado internacional. E foi para essa região que se dirigiu o maior contingente de imigrantes sírios e libaneses, como se vê no Gráfico 1, que compara os números de tal imigração para as regiões Sul, Centro e Norte do Espírito Santo.

.GRÁFICO 1: IMIGRANTES SÍRIOS E LIBANESES POR REGIÃO DO ESPÍRITO SANTO (1920)



Fonte: Censo Demográfico de 1920.

Aos poucos, sírios e libaneses se adaptaram à realidade da economia do Espírito Santo, cuja base, naquele tempo, era o café, sendo a região sul, em termos socioeconômicos, a área mais importante do Estado na produção cafeeira (SALETTO, 1996). Conforme apresentado no Gráfico 1, dos 810 sírios e libaneses residentes no Espírito Santo em 1920, 504 se fixaram nesse território, ou seja, 62,2% do total desses imigrantes (CENSO, 1920a). Portanto, a atração desse fluxo migratório para o território sul-capixaba se explica pela grande produção de riqueza oriunda da cafeicultura.

2. SÍRIOS E LIBANESES EM ATIVIDADES RURAIS

Segundo Saletto (1996), o legado dos sírios e libaneses na vida rural capixaba é pequeno, já que, embora representassem 5% dos estrangeiros em 1920, eram essencialmente urbanos, com presença marcante no comércio de Vitória e na região Sul. Aqueles que fugiram ao padrão, conforme o Recenseamento das Propriedades Rurais de 1920, somavam 0,5% do total das propriedades agrícolas do Sul. Apuramos que, das 8.305 propriedades agrícolas recenseadas no Sul do Espírito Santo no período, 43 pertenciam a sírios e

libaneses, como mostra a Tabela 1, a seguir.

TABELA 1: RELAÇÃO DE SÍRIOS E LIBANESES PROPRIETÁRIOS RURAIS NO ESPÍRITO SANTO (1920)

Município	Nome	Estabelecimento ou Localidade
Alegre	Felippe Felix Tanure	Estação Rive
Alegre	Mansor Cade	Serra da Anta
Alegre	Antônio Pedro Ecar	Sobra
Alegre	Felix Hatum	Santa Cruz
Alegre	Salomão Aride	Liberdade
Benevente[4]	João Jorge & Cia	Fazenda do Limão
Benevente	Abbidalla José Sabbagh	Ponta dos Castelhanos
Benevente	Coronel Pedro José & Cia	Fazenda Imboacica
Benevente	José Aisse Brumana	Barra do Joeba
Benevente	João Jorge & Cia	Fazenda do Limão
Cachoeiro de Itapemirim	Asimo Chequer	Gavião
Cachoeiro de Itapemirim	José Raymundo Depes	Capim d'Angola
Cachoeiro de Itapemirim	José Raymundo Depes	Jaboticabeiro
Cachoeiro de Itapemirim	José Raymundo Depes	Pedreiras
Cachoeiro de Itapemirim	José Mussi	Fazenda Exame
Cachoeiro de Itapemirim	Kalil José Elhage	Fruteiras
Cachoeiro de Itapemirim	Elias Simão	Vargem Grande
Espírito Santo do Rio Pardo[5]	Antônio Raymundo Deps	Vargem Grande
Espírito Santo do Rio Pardo	Miguel Deps	Águas Claras
Espírito Santo do Rio Pardo	Cândido Chamon	São Pedro
Espírito Santo do Rio Pardo	Pedro Chamon	Síria
Espírito Santo do Rio Pardo	Oscar Chamon	Retiro
Espírito Santo do Rio Pardo	Oscar Chamon	São Paulo
Espírito Santo do Rio Pardo	Jorge Chamon	Oratório
Espírito Santo do Rio Pardo	José Jorge	Santana
Itapemirim	José Brumana	Barbados
Piúma	Jorge Aarão	Monte Belo
Ponte do Itabapoana[6]	Minassa & Irmão	Ponte do Itabapoana
Rio Novo[7]	Abess Alli	Rio Novo
Rio Novo	Elias Miguel	Pau d'Alho
Rio Novo	José Elias	Richmond

[4] Atualmente, cidade de Anchieta.
[5] Atualmente, cidade de Iúna.
[6] Atualmente, distrito da cidade de Mimoso do Sul.
[7] Atualmente, cidade de Rio Novo do Sul.

Rio Pardo[8]	Nacife Alcure	Córrego Neblina
São João de Muqui[9]	Miguel José Mileipp	São Luiz
São João de Muqui	Francisco Oazem	Sítio Felicidade
São José do Calçado	Elias Jorge Féres	Ponte
São José do Calçado	Jorge Muxe	Fazenda Monte Líbano
São José do Calçado	Jorge Muxe	Fazenda da Paciência
São José do Calçado	Aristides José Raggi	Estrela
São José do Calçado	Aristides José Raggi	São Benedito
São Pedro do Itabapoana[10]	Jorge Aly	Alto Pharol
São Pedro do Itabapoana	Antônio Acha	Santa Cruz
São Pedro do Itabapoana	Elias Acha & Irmãos	Santa Cruz das Flores
São Pedro do Itabapoana	Salim e Miguel Aridis	Barra da Fortuna

Fonte: Recenseamento das Propriedades Agrícolas de 1920

Um estudo pioneiro sobre a imigração libanesa para o Espírito Santo verificou a existência de 89 proprietários de terra de origem libanesa no Estado, em 1920. Observou ainda que esse número poderia ser bem maior, já que muitas propriedades não foram cadastradas quando da realização do Censo - considerando que a legalização da ocupação de terras devolutas demandava mais tempo (CAMPOS, 1987)[11].

Campos (1987, p. 89) argumenta que, como as crises do café afetaram fazendeiros e casas comerciais que forneciam crédito, comerciantes sírios e libaneses “[...] faliram e outros apropriaram-se das propriedades que estavam em débito”. Nós estipulamos, como critério de identificação das propriedades, aquelas cujos nomes e sobrenomes indicavam serem pertencentes a sírios e libaneses – aparentemente de fácil reconhecimento para pesquisadores sobre essa imigração.

No entanto, é necessário assumir que essa identificação nominal pode ser mascarada. Como muitos desses sujeitos migrantes aportuguesavam seus nomes, compartilhamos do entendimento de Campos (1987) que o número de

[8] Atualmente, cidade de Muniz Freire.
[9] Atualmente, cidade de Muqui.
[10] Atualmente, distrito da cidade de Mimoso do Sul.
[11] Os dados foram apresentados por Campos (1987) na Tabela XVII, cujo título é Relação de propriedades rurais recenseadas em 1920 nos municípios do Estado do Espírito Santo pertencentes a libaneses.

propriedades pode ser ainda maior. Ao adaptarem seus nomes, uns procuravam manter, nos sobrenomes, referência aos locais de onde eram naturais. Como exemplos, João e José, que eram de Brumana, tornaram-se João Brumana e José Brumana; Brahim tornou-se Felipe Félix Tannure, natural de Tanurim (SANTOS, 2016).

A dificuldade de identificação nominal desses sujeitos por parte dos habitantes no Estado, parte deles imigrantes e descendentes de estrangeiros, revela uma das diversas facetas no processo de construção identitária desses migrantes. Isso porque, a sujeição à adaptação de seus nomes às convenções do Brasil como tática de inserção social, sem necessariamente abandonar os vínculos com a terra de origem, trouxe consigo uma enorme violência simbólica.

Nesse sentido, a categoria "sírios e libaneses", embora necessária para esta pesquisa, encobre diversas camadas nas trajetórias de indivíduos oriundos de regiões distintas do Oriente Médio. Até porque, há uma heterogeneidade de experiências religiosas, linguísticas e socioeconômicas que o documento histórico raramente permite distinguir. Mobilizar essa categoria implica, portanto, aceitar uma imprecisão constitutiva, que não invalida nossa análise. Contudo, exige que os resultados quantitativos, como o número de 43 propriedades identificadas, sejam lidos como aproximações mínimas, não como dados exaustivos

Observando a relação dos proprietários de terras de 1920, encontramos outras pistas para esta análise. Por exemplo, temos o nome de propriedades homenageando a terra natal de seus donos. É o caso da Fazenda Monte Líbano, em São José do Calçado, de Jorge Muxe (Mussi). E ainda, Pedro Chamon, sírio e libanês residente em Espírito Santo de Rio Pardo, que nomeou a sua propriedade de Síria. Nesse mesmo município, havia oito propriedades pertencentes a esses imigrantes. Em Cachoeiro de Itapemirim havia sete. Alegre, Benevente e São José do Calçado contavam com cinco propriedades, cada. Em seguida, São Pedro do Itabapoana, com quatro; Rio Novo, com três; e São João de Muqui, com dois. Já Itapemirim, Piúma, Ponte do Itabapoana e Rio Pardo tinham uma propriedade, cada (CENSO, 1920b), conforme a Tabela 1. Para Campos (1987, p. 89),

> O certo é que a agricultura não foi a atividade preferencial do

> libanês. No entanto, a maioria dos que a eles se incorporaram tornaram-se grandes proprietários, como é o caso de João Miguel, na Serra, que chegou a possuir 6 propriedades cadastradas no recenseamento de 1920; os Cade, em Alegre; os Acha e Minassa, em São Pedro do Itabapoana; os Deps, em Cachoeiro de Itapemirim e no Espírito Santo do Rio Pardo; Jorge Aarão, em Piúma (Monte Belo).

O que torna este fato excepcional para a análise é o contexto da migração deste grupo, se comparado com a dos europeus, especialmente àqueles que vieram em situação de incentivo governamental. Em geral, a maioria os migrantes estabelecidos no país era pobre. Mas sírios e libaneses, além de não contarem com suporte público para iniciar, também tinham de superar a discriminação racial, porque não se enquadravam no modelo ideal de imigrante proposto pela elite brasileira.

E mais, sírios e libaneses eram muito diferentes tanto de nacionais como de estrangeiros de outras nacionalidades quanto às questões culturais, como por exemplo, na alimentação e em relação ao idioma. Essa diferença cultural, aliada à ascensão socioeconômica relativamente rápida através do comércio e à conquista de espaços sociais e de poder, gerou uma série de conflitos, que vão desde processos de difamação a tentativas de expulsão desses imigrantes de algumas regiões capixabas, como em Itapemirim (1898) (SALETTO, 2001) e em São João de Muqui (1901) (SANTOS, 2018). Sírios e libaneses foram vítimas de assassinatos, tentativas de homicídio e/ou grave violência física (TRUZZI, 1997; PERIN, 2017; SANTOS, 2019).

Observando ainda os nomes dos proprietários rurais na Tabela 1, salienta-se que a construção de redes de capilaridade e solidariedade figurou ora como uma tática, ora como uma estratégia (CERTEAU, 2008) bem-sucedida desses imigrantes. As táticas são práticas sem discurso e são usadas por quem não possuiu o poder. “Chamo estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder [...] pode ser isolado” (CERTEAU, 1998, p. 99). Conforme Certeau (1998), a estratégia é organizada por quem detém poder.

Nos relatos orais, quando perguntados se os sírios e libaneses de determinada localidade espírito-santense tinham relação com os de outras cidades, as respostas são sempre positivas. Essa rede era tecida a partir de, ao

menos, três táticas e/ou estratégias[12]: parentesco/conterraneidade; casamento; ou relações comerciais. A primeira era construída antes da emigração; a segunda e a terceira, no caso do Espírito Santo, ocorriam quando esses indivíduos já estavam em solo capixaba. Em relação ao parentesco ou conterraneidade, há exemplos extraídos dos relatos orais de descendentes das famílias Depes e Marão, ambas fixadas em Cachoeiro de Itapemirim, no sul capixaba.

Brahin Depes chegou ao Brasil em 1903. Desembarcando no Rio de Janeiro, encontrou um conterrâneo que, com destino ao Espírito Santo, convidou-o para acompanhá-lo. Chegando a Cachoeiro, encontrou um cunhado, casado com sua irmã, e ali se estabeleceu. Depois de um tempo, migrou para Rio Pardo, que atualmente é a cidade de Muniz Freire, onde um de seus irmãos, Miguel Depes, já havia se fixado. Nessa localidade, trabalhou por um período debulhando milho para as tropas de mulas. Insatisfeito, voltou para Cachoeiro.

> Aí voltou para Cachoeiro. A vovó tinha recebido de dote 30 libras esterlinas, era o único dinheiro que eles tinham, mas já tinham gasto um pouco. Eu não sei quanto sobrou. Ele voltou para cá e tio Francisco falou assim: “Oh, Brahim, você tem algum dinheiro?” “Tenho isso, aqui”. Uns ciganos estavam passando por Cachoeiro, vovô vendeu umas libras para comprar uma casinha pequetitinha, que era aqui onde era o Eletro Cachoeiro (DEPES, 2018).

Miguel Depes, irmão de Brahin Depes, consta no Recenseamento das Propriedades Rurais com uma propriedade chamada Águas Claras, na cidade de Espírito Santo do Rio Pardo, atualmente o município de Iúna.

Kalil Mattar veio para o Brasil em 1913, fugindo da Primeira Guerra Mundial. Aqui, passou a se chamar Carlos Alexandre Marão e, quando chegou no Rio de Janeiro, soube por um patrício, que, em Iconha, no sul do Espírito Santo, residia um parente. Ele, então, resolveu ir para aquela localidade, onde encontrou Jorge Simão, que realmente era seu parente. Tempos depois, Carlos Marão mudou-se para Cachoeiro.

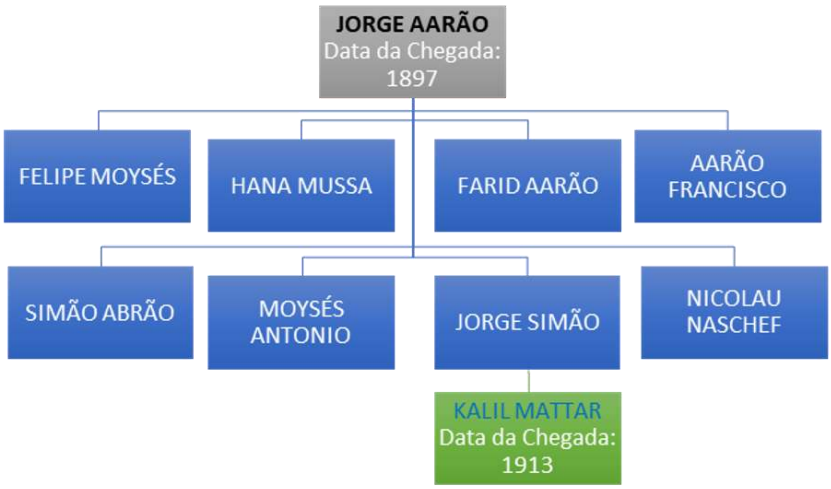
> E chegou aqui, em Iconha, esse tio dele, o pai do Adalgiso, falou

[12] É possível pensar essas categorias a partir de uma perspectiva não binária, mas interdependentes levando-se em consideração as tensões existentes nas relações e processos sociais. No caso dos sírios e libaneses, pode-se pensar as táticas e estratégias a partir de momentos específicos de seu assentamento – se no início ou se já consolidados no comércio -, e da ascensão social que conquistaram ao longo do tempo.

> com ele: “Eu tenho aqui umas tropas de burro que eu levo café, eu entrego café no porto de Vitória. Se você quiser trabalhar, eu te arranjo uma tropa de burro, você vai tocando até Vitória”. E meu pai foi tropeiro durante algum tempo e eles se juntavam a noite pra dormir, porque levavam dois, três dias de Iconha tocando tropa de burro até... até Vitória, até o porto (MARÃO, 2018).

A rede de capilaridade se constituía dessa forma: Jorge Simão, parente que atraiu o imigrante Carlos Marão para o interior de Iconha também fora atraído por um conterrâneo, chamado Jorge Aarão[13], cuja propriedade se localizava em Monte Belo. De acordo com Campos (1987), através de Jorge Aarão, muitos outros sírios e libaneses foram levados àquela região. A Figura 1, a seguir, mostra essa rede, que se formou a partir da vinda de Jorge Aarão, o que também pode ser verificado em muitas outras localidades capixabas.

FIGURA 1: REDE DE APOIO A PARTIR DA CHEGADA DE JORGE AARÃO (1897)



Fonte: Campos (1987); Santos (2019)

O casamento também foi fundamental na construção dessas redes. É o caso de Felipe Felix Tannure que, vindo solteiro do Líbano, casou-se com Matilde Mussi, também libanesa, que residia em Estação de Castelo, na época distrito de Cachoeiro de Itapemirim (COSTA, 2018). Em Itapemirim, Jamil Miama Bittar casou-se com Nascime Sad, em 23 de setembro de 1928. Ele, natural de

[13] De acordo com Campos (1987), foram atraídos por Jorge Aarão os seguintes parentes e/ou conterrâneos: Felipe Moysés (e seu pai, Hana Mussa, que não se adaptou e retornou ao Líbano), Simão Abrão, Moysés Antônio, Nicolau Naschef, Miguel Bassul, e os irmãos Farid Aarão e Aarão Francisco. Segundo Marão (2018), Jorge Aarão também atraiu Jorge Simão e, por intermédio deste, Kalil Mattar também emigrou e foi para Iconha, depois para Cachoeiro de Itapemirim.

Biandon, no Líbano, residia em Iconha; ela, capixaba, era filha de sírios e libaneses, e residia em Barra de Itapemirim, no litoral. No casamento, havia sírios e libaneses residentes de Benevente (SANTOS, 2016). Nesse sentido,

> [...] é importante frisar que esse casamento envolveu sírios e libaneses de três lugares diferentes: Itapemirim, Iconha e Benevente, reforçando a tessitura das redes e do trânsito intermunicipal que esses indivíduos construíram ao longo do tempo (SANTOS, 2019, p. 146).

Também em Itapemirim, Miguel Sad João contraiu núpcias com Adma Sad Mameri. A família de Adma era radicada em Rio Novo, outra cidade do sul capixaba (SANTOS, 2019, p. 118). Assim, de acordo com Santos (2019, p. 146), "[...] esses laços matrimoniais demonstraram ser fundamentais para a construção de redes que envolveram imigrantes sírios e libaneses de diversas cidades do sul do Espírito Santo, que acabaram se ligando à região de Itapemirim e vice-versa".

Destarte, em Mimoso, há muitos exemplos de sírios e libaneses de outras cidades e estados que se casaram com mulheres daquela localidade sul espírito-santense. Foi o caso de: Felippe Camillo da Silva, residente em Santa Luzia de Carangola, Minas Gerias, que se casou com Amélia Maria Manache; Pedro Elias Bucazio, de Campos, no estado do Rio de Janeiro, que se casou com Setebelt Acha; Said Najar, residente no Rio de Janeiro, casou-se com Maria Laurentina; e Aristides Machado, que residente em São Felipe, distrito de Cachoeiro de Itapemirim, contraiu matrimônio com Seyd Felippe (SANTOS, 2019). Tratava-se de

> [...] comerciantes sírios e libaneses e certamente tinham alguma relação comercial com a praça de Mimoso, além da questão étnica ter funcionado como fator de ligação entre eles. Poderiam ser clientes e/ou credores dos comerciantes mimosenses, onde transitavam e circulavam para realização de negócios. Havia uma ligação entre Mimoso e várias localidades do Rio de Janeiro, nas quais os sírios e libaneses de Mimoso tinham conhecidos, parentes, conterrâneos, patrícios. O contato poderia ser feito facilmente através da estrada de ferro (SANTOS, 2019, p. 223-224).

Santos (2019) analisou o processo de falência de Francisco Melhen, comerciante sírio e libanês da localidade de Mimoso. O autor verificou que, entre

os credores desse sujeito, havia muitos comerciantes da mesma etnia. Além disso, observou que eram de cidades e estados variados, como "[...] Muqui, Cachoeiro de Itapemirim, Vitória, São Paulo, Ubá (MG), Campos dos Goytacazes, Friburgo, Rio Bonito, mas principalmente, do Rio de Janeiro (SANTOS, 2019, p. 208)". Em Alegre, Miguel Simão, um dos maiores comerciantes da região, era primo de Felipe Félix Tannure. Este ajudou aquele quando a Crise de 1929 quase o levou à falência (SANTOS, 2019).

Ressalte-se, portanto, o papel decisivo que as redes desempenharam desde a decisão de emigrar até o estabelecimento na nova terra. Nesse sentido, para Massey e demais autores,

> *Las redes de migración se componen de lazos interpersonales que conectan a los migrantes, los migrantes anteriores, y los no migrantes en áreas de origen y destino a través de lazos de parentesco, de amistad, o por pertenencia a la misma comunidad de origen. Las redes incrementan las posibilidades del flujo internacional al disminuir los costes y riesgos del desplazamiento e incrementa los deseados beneficios económicos de la migración* (MASSEY et. al. s/d, s/p).

Assim, se por um lado as redes conectam os que migraram primeiro com os que migraram posteriormente, por outro, como são passíveis de mudar e de serem (re) construídas, permitem a conexão dos sujeitos migrantes com indivíduos residentes nos locais de recepção, sejam nacionais e/ou outros imigrantes. Dessa forma, reduzem custos, riscos, dificuldades, obstáculos, dores; oferecem atalhos à medida que os que migraram anteriormente podem fornecer suportes, inclusive emocionais, para os que vieram depois (MASSEY et. al. s/d, s/p).

Para Duarte e coautores (2010, p. 55), as redes "[...] são importantes na constituição da identidade, através de relações de pertencimento, e também enquanto sustentação do indivíduo nas diversas situações da vida, como os momentos de crise, por exemplo, no processo migratório". Assim, para Truzzi (2008, p. 210),

> De fato, nesse último sentido, compreende-se que os vínculos sociais possam ser valorizados não apenas na sociedade de origem, instruindo a decisão de emigrar, mas também na sociedade de recepção, após a emigração. Daí o valor estratégico dos vínculos comunitários também no período de integração à nova sociedade, normalmente estudados segundo

> uma série de indicadores, entre os quais os padrões residenciais, ocupacionais, matrimoniais e o vigor das associações étnicas (especialmente associações de socorro mútuo organizadas por origem) são os mais comuns.

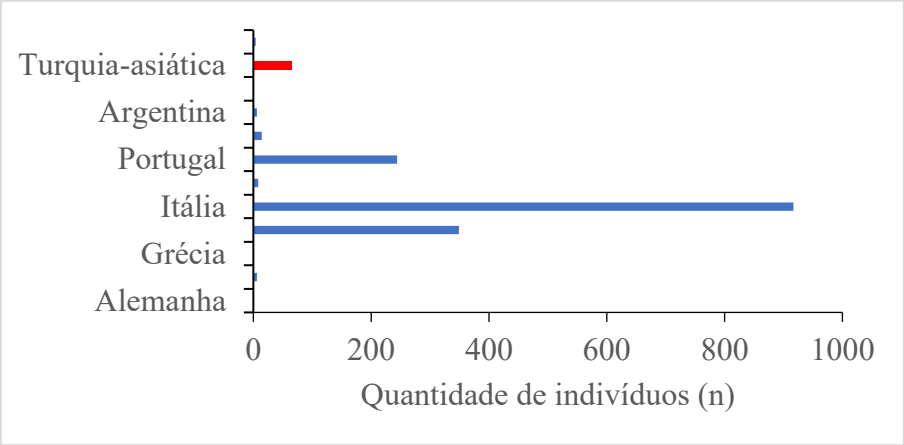
Quando adentraram ao Espírito Santo, sírios e libaneses se inseriram em ocupações urbanas, predominantemente no comércio, contudo, alguns decidiram se dedicar às atividades agrícolas. Neste sentido, perguntamos: quais motivos mobilizaram esses imigrantes a tomar esta decisão? O que se observa das fontes históricas são indícios (GINZBURG, 1989) de que as atividades rurais eram complementares. O investimento no campo, realizado por grandes comerciantes sírios e libaneses, não encontrou, entretanto, adesão entre todos, mas houve aqueles que se dedicaram exclusivamente ao trabalho na terra.

Apresentamos, a seguir, dois casos que representam cada uma das situações: o do comerciante Elias Acha e do lavrador Jorge Aly, ambos residentes em São Pedro do Itabapoana, no extremo sul capixaba, na divisa com o Rio de Janeiro. Para tal, utilizamos dois inventários *post mortem,* das esposas de ambos*,* já analisados por Santos (2019) no estudo de doutoramento denominado “Sírios e Libaneses no sul do Espírito Santo (1890-1930)”.

Elias Acha era sócio da firma Elias Acha & Irmão, juntamente com seus irmãos Antônio e Saliba Acha. Localizada no distrito de Mimoso, em São Pedro do Itabapoana, a firma comercializava tecidos e armarinhos e, também, comprava café. Elias se estabeleceu em Mimoso na década de 1890, com esposa e filha, oriundos de Trípoli. Em 1913, com o falecimento de sua esposa, Ruda Acha, foi preciso fazer o inventário dos bens. Um desses bens era uma propriedade com 46 alqueires de terra no distrito de São José das Torres[14], contendo lavoura com cinco mil pés de café e três casas para residência dos colonos (SANTOS, 2019, p. 200-201). Como São Pedro do Itabapoana era um importante centro econômico sul capixaba, a localidade recebeu muitos fluxos migratórios. O Gráfico 2 apresenta o quantitativo de sírios e libaneses em relação a outros grupos estrangeiros, em 1920, em São Pedro do Itabapoana.

[14] Inventário de Ruda Acha, s/nº, 17/02/1914.

GRÁFICO 2: SÍRIOS E LIBANESES EM SÃO PEDRO DO ITABAPOANA (1920)



Fonte: Censo Demográfico de 1920

O capital conquistado pela firma Elias Acha & Irmão transformou os irmãos Acha numa das importantes firmas de São Pedro do Itabapoana e do sul capixaba, fazendo com que seus sócios se tornassem grandes credores. Como exemplo, apenas dois clientes lhes deviam 49 contos de réis: Jorge Aly, que tinha uma dívida de aproximadamente 14 contos de réis; e Felipe Monteiro, que acumulava um débito de 35 contos (SANTOS, 2019).

Consoante Gattaz (2012), a construção de um patrimônio tão grande num intervalo de tempo relativamente curto tem relação com a crescente urbanização e desenvolvimento econômico do país, preponderante durante a Primeira República, época de assentamento desses imigrantes. Para esse autor, foi um período em que o Brasil "[...] passou de país monocultor-escravagista a industrial-imigrantista, quando a urbanização favoreceu a formação de grandes fortunas" (GATTAZ, 2012, p. 95).

Barros e Faria (2018) apuraram que alguns sírios e libaneses compravam imóveis na região central de Mimoso e no interior, como forma de investirem parte do capital amealhado. Isso representa uma forma de mobilidade que caracterizou a imigração síria e libanesa no Brasil e no Espírito Santo. Depois de mascatear e de abrir comércios, adquiriam propriedades rurais, mas o trabalho no campo não era a principal fonte de renda.

Sabe-se que, em terras capixabas, a compra de propriedades produtoras de café era uma maneira de investir o capital amealhado, ou seja, era uma renda complementar e resultante do investimento, uma atividade acessória, que visava

ao presente, porque o café produzido na propriedade poderia ser exportado e/ou vendido em sua própria casa comercial. E, no futuro, como algo de que pudesse desfrutar econômica e socialmente, uma propriedade poderia fornecer uma renda extra. Segundo Truzzi (2019, p. 12) "[...] é interessante notar que no interior o sucesso das atividades comerciais dos sírios e libaneses se desdobrou em investimentos nos setores imobiliário e agropecuário", situação similar à de Elias Acha.

Em outro inventário, observamos o registro, entre os demais bens, de 20 alqueires de terra, com algumas benfeitorias, como três casas para colonos, moinho, uma casa onde residiam os inventariantes, e milhares de pés de café. Esse é o inventário de Antônia Crespo, falecida em 1926, esposa de Jorge Aly, sírio e libanês residente em um dos distritos de São Pedro do Itabapoana[15]. Sua propriedade localizava-se em Alto Pharol, em São José das Torres, conforme se vê na Tabela 1.

O itinerário de Aly não foi o mesmo seguido pela maioria dos imigrantes sírios e libaneses: de mascate e dono de loja. Há poucas informações sobre a trajetória de Aly, haja vista a inexistência de fontes adicionais além desse inventário. No entanto, o que foi possível analisar torna o documento bastante importante para esta pesquisa. Truzzi (2019, p. 12) destaca o ineditismo em casos como o de Aly: "[...] ressalte-se serem bastante improváveis, entre imigrantes sírios ou libaneses, trajetórias exclusivamente rurais, pautadas pela progressiva ascensão de colonos a sitiantes e destes a fazendeiros".

A trajetória de Feres Sadalla chamou a atenção de Truzzi (2019), em seu artigo[16]. No entanto, o percurso de Sadalla é bem diferente do itinerário de Jorge Aly, uma vez que Sadalla saiu da condição de comerciante para a de fazendeiro. Outra situação que torna a trajetória de Jorge Aly ainda mais importante diz respeito ao fato de que o número de estrangeiros que conseguiram acesso a terras no Vale do Itabapoana foi muito pequeno (ALMADA,1993).

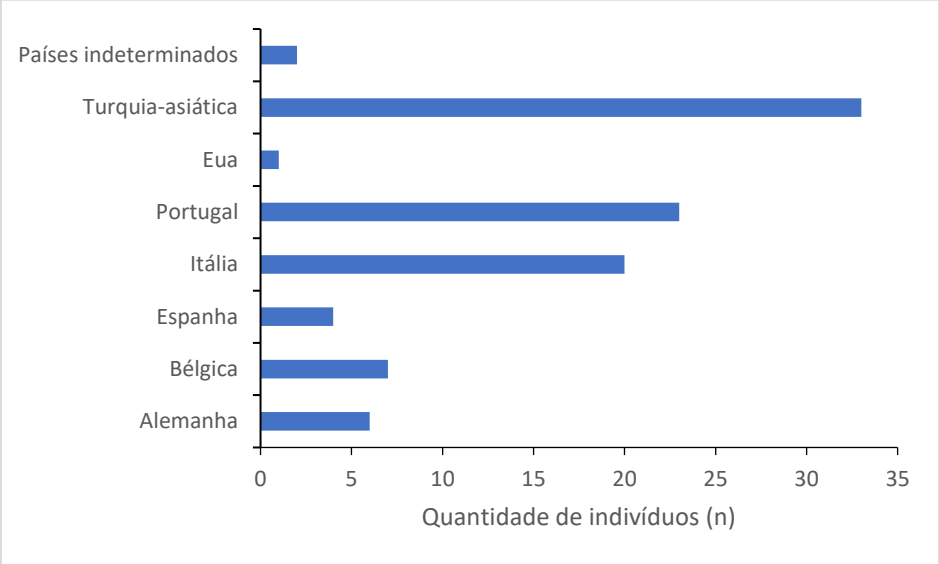
No que se refere à região de Itapemirim, no litoral sul capixaba, o

[15] Inventário de Antônia Crespo, nº 816, 05/01/1927.

[16] Truzzi explica que Feres começa pela mascateação, mas logo a abandona: "gostava de trabalhar na terra". Sem recursos para adquirir uma propriedade, passa a ser arrendatário, mas logo percebe que seria mais lucrativo comercializar frutas e, a partir de então, seu negócio se desenvolve, conduzindo-o à condição de comerciante e fazendeiro em um espaço de tempo relativamente curto (TRUZZI, 2019, p. 13).

quantitativo de sírios e libaneses em 1920 era maior do que o de outros estrangeiros, conforme assinala o Gráfico 3, a seguir. De acordo com o Censo Demográfico (1920), dos 96 imigrantes residentes naquela localidade, havia 33 sírios e libaneses.

GRÁFICO 3: SÍRIOS E LIBANESES EM ITAPEMIRIM (1920)



Fonte: Censo Demográfico de 1920

Nessa localidade, um dos primeiros sírios e libaneses a se estabelecer foi José Brumana. Natural da cidade de Brumana, no Líbano, José chegou à região de Itapemirim em 1892, com 16-17 anos, na companhia do seu irmão João. Depois de mascatear, José Brumana instalou um comércio denominado Casa Brumana. Em 1899, casou-se com Mariana Alves, com quem teve vários filhos (SANTOS, 2019). Mariana faleceu no dia 02 de outubro de 1919, aos 37 anos de idade. Como havia filhos menores e bens a inventariar, procedeu-se ao inventário (INVENTÁRIO MARIANA ALVES BRUMANA, S/Nº 15/12/1919).

Entre os bens imóveis pertencentes a José Brumana, consta "[...] um terreno de 46 alqueires no logar denominado 'Barbados', [...] à margem do Rio Muquy, sendo dez alqueires cultivados com pasto [...]". Havia outro terreno, menor, com sete alqueires no lugar chamado Rio Muqui[17], o que, somado ao primeiro, totalizava 53 alqueires[18]. Além disso, José Brumana possuía seis

[17] Inventário de Mariana Alves Brumana, s/nº, 15/12/1919.
[18] Um alqueire corresponde a, aproximadamente, 48 mil metros quadrados.

casas, uma delas localizada naquele terreno de 46 alqueires, em Barbados, e as outras cinco na Barra de Itapemirim, região economicamente privilegiada da Vila de Itapemirim[19].

Do mesmo modo, José Brumana possuía bens semoventes arrolados no inventário: "[...] quatro éguas com duas crias, três cavalos velhos; três burros velhos; dez vacas com crias; seis vacas sem crias; duas vitelas novas; quatro garrotes"[20]. A existência, entre os bens inventariados, de vacas, com e sem cria, vitelas e garrotes, além de uma área grande área de 53 alqueires, dos quais 10 reservados para pasto, são indícios de que José Brumana desenvolvia atividades agropecuárias, mais especificamente, a criação de gado[21].

José Brumana também aparece na Relação dos Proprietários dos Estabelecimentos Rurais do Estado do Espírito Santo, produzida pelo Recenseamento das Propriedades Rurais, em 1920. O inventário desse imigrante sírio e libanês mostra a grande quantidade de bens que conseguiu amealhar ao longo de 27 anos de estadia no Espírito Santo, isto é, do ano de sua chegada, 1892, à data do inventário, 1919.

Seguindo o mesmo caminho de Elias Acha e muitos outros imigrantes sírios e libaneses, José Brumana procurou investir o dinheiro conquistado na compra de casas, algumas das quais na região central da Vila de Itapemirim, bem como em propriedades rurais. Contudo, se o investimento de Elias Acha se deu em propriedades produtoras de café, José Brumana focou na criação de gado, o que se justifica pelas especificidades geográficas e econômicas de cada uma das regiões nas quais se localizaram. Mimoso, no extremo sul capixaba, onde se fixou Elias, tinha como principal atividade econômica o café, enquanto Brumana se estabeleceu em região de planícies nas quais havia plantio, principalmente, de cana-de-açúcar e atividade pecuária.

Por fim, deve-se mencionar a trajetória de Felipe Felix Tannure que, proveniente de Tanurim, no Líbano, veio para o Brasil em fins do Oitocentos, assentando-se em localidades dos Estados de Rio de Janeiro e São Paulo. Mais tarde, depois de residir em Cachoeiro de Itapemirim e de desfazer uma

[19] Inventário de Mariana Alves Brumana, s/nº, 15/12/1919.
[20] Inventário de Mariana Alves Brumana, s/nº, 15/12/1919.
[21] Inventário de Mariana Alves Brumana, s/nº, 15/12/1919.

sociedade com o irmão, mudou-se para Rive, que era um distrito da cidade de Alegre, também no sul do Espírito Santo. Segundo Ariette Moulin Costa,

> Ali [em Alegre] comprou um pequeno latifúndio, que começava em frente à estação de ferro. E se expandia... tinha riacho, tinha mata virgem e... na rua, propriamente dita, ele construiu um prédio, onde eles moravam. O armazém, [...] naquela época se chamava de secos e molhados, mas tinha mais... Hoje, eu diria que era um pequeno supermercado. Porque ele vendia tecido, sapatos e... tinha também uma máquina de pilar café, vários armazéns onde guardava o café que chegava. Ele comprava da redondeza toda... E depois que pilava, ele exportava café. Ele foi um exportador de café (COSTA, 2018).

Se, por um lado, Elias Acha tinha a agricultura como atividade complementar ao comércio – sua atividade principal -, e Jorge Aly dedicou-se exclusivamente à agricultura, por outro, o que se observa no caso de Felipe Felix Tannure foi uma preocupação em se cercar de elementos de natureza e ruralidade. De acordo com Costa (2018), essa família dava muito valor à agricultura, tanto que seu avô fez questão de, em sua propriedade, em Rive, construir horta, pomar e jardim, preservando também um trecho de mata virgem e um córrego (COSTA, 2018). E mais,

> Ele tinha uma horta fabulosa onde se plantava tudo, tudo... e ele fiscalizava aquela horta de terno e grava. [...] E como ele desviou um curso de um riacho que passava e fez um lago enorme e desse lago ele colocou canos que abasteciam não só o casarão dele. Tinha água com fartura. A horta, os canteiros eram todos circundados por água, então não tinham formiga. Tomate, tomatinho, tomatão, pepino, rabanete, nabo, quiabo, alface... tudo que você pensar. Aí ele levava um canivete e levava um pouquinho de sal embrulhado num papel de renda, porque não existia plástico... Tirava o rabanete, lavava muito bem, ali, raspava, passava sal e me dava. [...] É. E as árvores frutíferas? Tudo que você imaginar tinha no pomar: figos maravilhosos! Eu comia figo tirando, assim, da figueira. Figos, é... cajueiros, goiaba de tudo quanto era tipo, mangas... mangas de todos os tipos. Jenipapo, canela... ele plantava árvores. Eu lembro de árvores de canela, que nunca mais eu vi. E a parreira, eu pegava uva na parreira assim para comer. [...] O jardim eu sinto o perfume ainda, eu sinto perfume das orquídeas, das violetas, jasmim, era uma casa perfumada. Você chegava, a casa era perfumada (COSTA, 2018).

Dar muito valor à agricultura, conforme assinalou COSTA (2018) pode ser um indício das razões pelas quais os sírios e libaneses compravam propriedades

rurais, não obstante o passado como agricultores em suas terras natais. Há outros componentes implícitos nessa narrativa, qual seja a ligação umbilical com o cultivo da terra e o afeto que traz à luz memórias e lugares de memória aos quais sírios e libaneses desejavam reconstruir, reconstituir onde se assentaram.

A descrição que Costa (2018) faz do "pequeno latifúndio" do avô e dos elementos que o compunham permitiu tanto a reconstrução de uma memória afetiva da narradora, como a compreensão de que se tratava de um lugar de memória (NORA, 1993). As árvores, as frutas, as flores, a casa perfumada, a água usada para abastecer a casa e regar as plantas. Provavelmente, esses elementos descritos por Ariette eram bem diferentes daqueles com os quais sírios e libaneses estiveram acostumados em suas terras de origem, mas eram importantes para a manutenção de suas identidades.

Nas narrativas dos descendentes de outros imigrantes sírios e libaneses é recorrente a menção ao apego à terra, tanto às de origem de seus antepassados, quanto à brasileira. Muitas das menções dizem respeito à fertilidade das terras do Brasil. Foi o que afiançaram Marão (2018) e Mezher (2016) sobre seus pais:

> Meu pai até brincava conosco, eu era garoto, eu lembro, que ele falava que essa terra é tão abençoada, que você pega o mamão para comer, você chega no quintal e raspa com a colher e joga a semente no chão. Daqui há seis meses você pega o mamão no pé. Lá, as terras são outras, completamente. [...] Tirando aí a seca do nordeste, praticamente, qualquer lugar no Brasil que chove, uma semana depois tá verde (MARÃO, 2018).
>
> [...] não pensou mais em voltar e passou a conhecer aqui um país que... como é aquela frase? 'Tudo se plantando... No quintal da sua casa, plantava tomate, rabanete, pepino. Percebeu que aqui era um paraíso, e, assim, nunca mais pensou em voltar. Ele adorava o Brasil! (MEZHER, 2016).

A vinculação existente entre sírios e libaneses com a terra e/ou com a agricultura, seja na compra de propriedades rurais, caso de Elias Acha, Jorge Aly e José Brumana, seja na possibilidade de viver cercado por hortas e pomares, conforme assinalou Jablonka (2022, p. 539), permite contornar o vazio, identificando "[...] aqueles que pereceram para compreender o seu cotidiano". Por outro lado, tem relação direta com a memória e a identidade, uma vez que, consoante Candau (2016, p. 156), a "[...] memória e a identidade se concentram

em lugares, e em “lugares privilegiados”, quase sempre com nome, e que se constituem como preferências perenes percebidas como um desafio ao tempo”.

Saliente-se que as fontes orais corroboraram a ideia de que a trajetória da imigração síria e libaneses para o Espirito Santo, particularmente para o sul do Estado, tem como uma de suas facetas a vinculação desses sujeitos migrantes à terra, não apenas pelo viés econômico, mas afetivo e identitário. Como salientou Portelli (1997, p. 31), essas fontes laçaram luz “[...] sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas”.

Eivadas de subjetividades, essas narrativas orais trouxeram situações que se referem a indivíduos que se assentaram no interior do Espírito Santo, mas que podem ser representativas de parcelas significativas do grupo (SANTOS, 2022) de imigrantes assentados em território brasileiro, não, sendo, portanto, uma particularidade capixaba. Dizem muito sobre os significados (PORTELLI, 1997) que eles atribuíram à terra e de como ser relacionavam com ela durante sua vivência e inserção social.

Ainda de acordo com Portelli (1997, p. 31), as fontes orais “[...] contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez”. Nesse sentido, levar a terra natal no sobrenome, adquirir propriedades rurais e fazer delas espaços de sociabilidade em família, construir hortas e pomares foram elementos trazidos à luz através da História Oral, o que reforça a importância dessa metodologia para o trato com as questões reativas aos movimentos migratórios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os exemplos de Elias Acha, Jorge Aly, José Brumana e Felipe Felix Tannure a respeito das razões pelas quais sírios e libaneses adquiriram propriedades rurais – e das atividades que nelas desenvolviam –, no sul do Espírito Santo, permitem a constatação de que, embora não fosse a atividade econômica preferencial da maior parte deles, as terras foram utilizadas por alguns como principal fonte de renda, inclusive. Do mesmo modo, esses casos mostram que a inserção socioeconômica desses imigrantes estivera vinculada a condições e características distintas (TRUZZI, 2019). Isso reforça aquilo que fora afiançado por Certeau (2008, p. 97), sobre indivíduos que “traçam trajetórias

indeterminadas, aparentemente desprovidas de sentido porque não são coerentes com o espaço construído, escrito e pré-fabricado onde se movimentam".

Em números, das 8.305 propriedades agrícolas recenseadas em 1920, no Espírito Santo, 43 pertenciam a imigrantes sírios e libaneses, isto é, aproximadamente 0,5% do total, embora esse número possa ser maior. Pode ser que as trajetórias aqui analisadas não se restrinjam ao território capixaba, mas representem itinerários seguidos por sírios e libaneses de outras localidades brasileiras, o que contribuiu para a compreensão de um aspecto dessa imigração ainda pouco explorado.

A escassez de fontes sobre Jorge Aly é, nesse sentido, um dado historicamente significativo. A quase invisibilidade documental de sua trajetória, que se encontra restrita ao inventário de sua esposa, é característica de sujeitos que permaneceram à margem dos circuitos de documentação que a historiografia tradicional costuma privilegiar. Isso porque constituem a imensa quantidade de sujeitos que não transitaram pelos mecanismos formais de registros cartoriais, a exemplo do comércio formal nem deixaram rastros em documentos oficiais de dívidas ou contratos.

Conforme apontou Ginzburg (1989), é precisamente nesses indícios fragmentários e involuntários que reside parte do potencial analítico da pesquisa histórica. Nessa direção, o inventário de Antônia Crespo não foi produzido para narrar a trajetória de Jorge Aly, mas é através dele que essa trajetória se torna, ainda que parcialmente, legível.

O documento revela que uma propriedade de 20 alqueires com colonos, moinho e milhares de pés de café é suficiente para distinguir Aly dos demais casos analisados. Neste caso, não como exceção curiosa, mas como evidência de que a imigração síria e libanesa no sul capixaba comportou itinerários que escaparam ao modelo dominante de inserção urbana e comercial. Sem, contudo, que isso tenha deixado memória oral ou registro equivalente ao de seus contemporâneos mais abastados.

Os relatos orais relativos à imigração síria e libanesa para o sul capixaba, alguns dos quais aqui apresentados, afiançam a importância que esses imigrantes, embora assentados nos principais centros urbanos, tinham uma

relação bastante afetiva com a terra, vendo-a como um valor econômico, por causa dos dividendos que ela poderia conferir por meio da comercialização de produtos, como o café, mas também simbólico, enquanto memória e identidade. De forma geral, possuir propriedades rurais era uma demonstração de riqueza e ascensão social.

REFERÊNCIAS

ALMADA, Vilma Paraíso Ferreira de. **Estudos sobre estrutura agrária e cafeicultura no Espírito Santo.** Vitória: SPDC/Ufes, 1993.

BARROS, José Luiz; FARIA, João Odilio Guedes. **Trevo da sorte Mimoso do Sul**. Mimoso do Sul-ES: Gracal, 2018.

BRUMANA, José Rubens, em entrevista concedida a Adilson Silva Santos, realizada em Marataízes, na data de 29 de junho de 2017.

CAMPOS, Mintaha Alcuri. **Turco pobre, sírio remediado, libanês rico**: a trajetória do imigrante libanês no Espírito Santo. Vitória: Instituto Jones dos Santos Neves, 1987.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2016.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Vol. 1. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

COSTA, Ariette Moulin, em entrevista concedida a Adilson Silva Santos, realizada em Cachoeiro de Itapemirim, na data de 12 de abril de 2018.

DADALTO. Maria Cristina. Os rastros da diversidade da identidade capixaba. In: **SINAIS - Revista Eletrônica -** Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição Especial de Lançamento, n.01, v.1, Abril. 2007. pp. 57-74.

DADALTO, Maria Cristina.; DOTA, Ednelson Mariano. Ciclos econômicos e migração no Espírito Santo do século XIX ao XXI: novos contextos, velhos condicionantes. **Revista Ágora**, v. 34, n. 3, e-2023340304, ISSN: 1980-0096.

DANTAS, Sylvia Duarte; UENO, Laura; LEIFERT, Gabriela; SUGUIUR, Marcos. Identidade, migração e suas dimensões psicossociais. **REMHU** - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, vol. 18, núm. 34, enero-junio, 2010, pp. 45-60. Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=407042011004. Acesso em: 05 dez. 2023.

DEPES, Jorge, em entrevista concedida a Adilson Silva Santos, realizada em Cachoeiro de Itapemirim, na data de 10 de agosto de 2018.

FRANCISCO, Júlio César Bittencourt. Do Oriente Médio ao sul do Brasil: a

imigração de sírios e libaneses no Rio Grande do Sul (1890-1949). **RIHGRGS**, Porto Alegre, n. 152, p. 69-96, julho de 2017.

GATTAZ, André. **Do Líbano ao Brasil**: história oral de imigrantes. 2.ed. Salvador: Pontocom, 2012.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. – São Paulo: Cia. das letras, 1989.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Directoria Geral de Estatística. Recenseamento Geral do Brasil 1920. 1 de setembro de 1920. Disponível em: http:// biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=231687. Acesso em: 20 jul. 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Directoria Geral de Estatística. Recenseamento Geral do Brasil 1920. Relação dos proprietários dos estabelecimentos rurais do Estado do Espírito Santo. 1 de setembro de 1920. In: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APPES), Biblioteca Digital. Disponível em: https://ape.es.gov.br/recenseamento-1920. Acesso em: 31 dez. 2020.

Inventário de Antônia Crespo, nº 816, 05/01/1927.

Inventário de Ruda Acha, s/nº, 17/02/1914.

Inventário de Mariana Alves Brumana, s/nº 30/10/1919.

JABLONKA, Ivan. Quando o historiador é pai e filho. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 44, p. 532-552, maio/ago. 2020. Disponível em: https://revistatopoi.org/site/wpcontent/uploads/2020/08/TRAD_44_Jablonka_p532-552.pdf. Acesso em: 21 ago. 2023.

JACOB, Jamila Miguel. **Sírios e libaneses:** árabes diferentes, brasileiros iguais ou de como a identidade étnica se transforma e se mantém. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

MASSEY, Douglas S.; ARANGO, Joaquín; GRAEME, Hugo; KOUAOUCI PELLEGRINO, Adela; TAYLOR, J. Edward. **Teorías de migración internacional**: una revisión y aproximación. Traducido del inglés por Augusto Aguilar Calahorro. Disponível em: https://www.ugr.es/~redce/REDCE10/articulos/14DouglasDMassey.htm. Acesso em: 05 dez. 2023.

MARÃO, Carlos Alberto Alexandre, em entrevista concedida a Adilson Silva Santos, realizada em Cachoeiro de Itapemirim, na data de 20 de março de 2018.

MEZHER, Roberto Jorge, em entrevista concedida a Adilson Silva Santos, realizada em Itapemirim, na data de 26 de agosto de 2016.

MUZZOLON, Anderson. (2013). A territorialização libanesa em Guarapuava PR. Ra'e Ga*:* O Espaço Geográfico em Análise, *29*, 7–35. . Disponível em: https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/28907. Acesso em: 30 mar. 2026.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Proj. História**. São Paulo (10), dez, 1993**.**

OLIVEIRA, Márcia Regina Cassanho de. **Imigração sírio-libanesa em Campo Grande e o Clube Libanês**. 2010. 216 f. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2010.

PERIN, Gedson. **Sírios e libaneses: violência e discriminação no sul do Espírito Santo (1898-1920)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) Centro Universitário São Camilo-Espírito Santo, Cachoeiro de Itapemirim. 2017, 28p.

PINTO, Paulo Hilu da Rocha. **Árabes no Rio de Janeiro**: uma identidade plural. Rio de Janeiro: Cidade Viva, 2010.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, v. 14, n.1, p. 25-39, jan-jul. 1997.

SALETTO, Nara. Sobre a composição étnica da população capixaba. In: FRANCESCHETO, C. **Imigrantes Espírito Santo**: base de dados da imigração estrangeira no Espírito Santo nos séculos XIX e XX. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014, p. 34-50.

SALETTO, Nara. **Trabalhadores nacionais e imigrantes no mercado de trabalhodo Espírito Santo (1889-1930)**. Vitória: EDUFES, 1996.

SALETTO, Nara. Itapemirim contra os sírios: jacobinismo em versão capixaba? *In*: SIMPÓSIO DE HISTÓRIA. 13., 2001, Vitória-ES. **Anais** [...].Vitória-ES: UFES, 2001, sn/p.

SANTOS, Adilson Silva. **Sírios e libaneses no sul do Espírito Santo (1890-1930)**. 2019, 388f. Tese (Doutorado em História Social das Relações Políticas) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

SANTOS, Adilson Silva. **Árabes em São João de Muqui-ES: do assentamento à tentativa de expulsão (1901)**. *In*: SEMANA DE HISTÓRIA POLÍTICA/ SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 13., 2018, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: UERJ, 2018, p. 24-34.

SANTOS, Rodrigo dos. (2022) p. 82-104. Lembrar ou esquecer? A imigração do Pós-Segunda Guerra e a História Oral. Disponível em: https://revistas.unila.edu.br/sures/article/view/3024/3010. Acesso em: 30 mar. 2026.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. **Patrícios**: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Hucitec, 1997.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. **De mascates a doutores**: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Sumaré, 1991.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, v. 20, n. 1, p. 199-218, 2008b.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra . Sírios e libaneses e seus descendentes na sociedade paulista. In: FAUSTO, Boris. (Org.). **Fazer a América**. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2000, p. 315-351.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra . Sírios e libaneses no oeste paulista: décadas de 1880 a 1950. **R. Bras. Est. Pop**., v.36, 1-27, e0086, 2019.

YKEGAYA, T. **Imigração árabe em Foz do Iguaçu:** a construção de uma identidade étnica. 2006. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2006.

Recebido em 12/07/2024.

Aprovado para publicação em 26-04-2026.